

Ódio

Jorge Humberto Pereira

**Prémio Bernardo Santareno
2005**

JORGE HUMBERTO PEREIRA

ÓDIO

Monólogo brutalista



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© Jorge Humberto Pereira, Sociedade Portuguesa de Autores 2007

1ª Edição: Outubro 2007

Depósito Legal nº 265832/07

Paginação, Impressão e Acabamento: Colprinter, Lda.

ISBN 978-972-9327-54-4

A peça “Ódio”, de Jorge Humberto Pereira, foi a vencedora do Prémio Bernardo Santareno, atribuído, em edição única, pela sociedade Portuguesa de Autores para assinalar, em 2005, um quarto de século da morte do dramaturgo e ficcionista Bernardo Santareno. Esse foi, também o ano do 80º aniversário da SPA.

Bernardo Santareno, nome cimeiro de toda a história da dramaturgia portuguesa, foi dirigente da SPA e autor empenhado, até à data do falecimento, nos destinos desta cooperativa.

A Criação deste prémio, destinado a jovens dramaturgos, foi uma homenagem ao autor, ao cidadão e ao grande homem de cultura que não esquecemos e cuja obra desejamos ver constantemente reeditada e levada à cena por companhias portuguesas ou estrangeiras, já que nela estão reflectidos aspectos marcantes da nossa realidade social e cultural e também porque a qualidade do teatro de Santareno é intemporal e única.

A Direcção

SOMETIMES I WANNA KILL
SOMETIMES I WANNA DIE
SOMETIMES I WANNA DESTROY
SOMETIMES I WANNA CRY

GUNS N' ROSES

*(O espaço é mórbido e bolorento: Uma mesa, um banco, um armário, uma cama, uma retrete, um lavatório e um espelho rachado. Um homem dos seus cinquenta e tais, todo vestido à tropa, está a raspar, com a sua naífa de mato, o **Guiné-7-5-68**, isto é, a tatuagem que lhe está agarrada à pele. Suga o sangue como se fosse um mosquito tresloucado. Bebe a tinta da tatuagem. Sente-se embriagado de prazer e de dor ao mesmo tempo. Faz um curativo. Sentado no banqueto, ali está, a dar vida ao tempo e a matar o espaço. Tem os olhos a arder de fúria. Depois de algum silêncio, começa a falar. A sua voz máscula faz tremer o céu e a terra de qualquer alma que viva em paz interior.)*

*

Eu vi o terror! Beijei-lhe a bolha!

Eu presenciei o hooooorrooor! O pior de tudo! O sangue a pintar a língua da terra e o céu ironicamente azul a rir-se feito parvo.

Tinha os lábios secos, mas de repente começava-me a escorrer, um infinito de baba ruim, pela boca abaixo. Era uma amostra de dor irada, peganhenta...Uma amostra de loucura.

*

(Dá um estalo em si próprio)

Emborquei um frasco de veneno de escaravelho.

A vida não tinha sentido. Não tinha sentido e pronto. Quis-me matar.

Livre-me e não sei como é que foi possível. Mas já nada me surpreende. Afinal de contas morri tantas vezes, que nem... Livre-me e quando dei por mim já estava no Conde Ferreira. A casa dos doudos.

Meteram-me num calabouço. Vi fezes nas paredes. Frases feitas com merda. Frases sem sentido. Desde a guerra que não assistia a uma porra tão grotesca. A insanidade absorvia-me e eu banhava-me no seu esgoto quente. (*Põe as duas mãos à cabeça*) A minha cabeça tinha o peso de uma abóbora gigante e sentia fisgadas na fronte. Não sabia se aquilo era outra vez o puto do inferno se o que era. Sabia apenas que queria cavar dali.

*

(*Baba-se. Esfrega os olhos*)

Juntaram-me aos outros tolinhos.

Estava feito ao bife.

Eu era um zé-ninguém no meio de tanta maluqueira.

Um tolo colou-se logo a mim. Não parava de me chamar “tio” o filho da puta. Era todos os dias a mesma coisa: “Oh! Tio, Oh! Tiozinho...” Eu fulminava-o com os meus olhos-g3. Mas aquela sua postura neutra, aquele seu riso sardónico, aquele seu

aspecto de escudo impassível, vencia-me. E de maneira que havia o ricochete. E quem se feria era eu.

*

(Levanta-se e começa a andar de um lado para o outro)

As vísceras da guerra. O sangue a gotejar. Tripas a saírem da barriga do meu compincha. Ainda há uns minutos atrás falava com ele sobre putas, punhetas e papagaios. O sol queima a tristeza da morte. Eu finjo-me morto. Talvez porque não quero morrer. *(Põe a mão ao peito)* Talvez porque a fingir, sempre me sinto um pouco mais vivo por dentro.

*

(Com os olhos doentiamente arregalados)

A mata, a puta da mata. Uma autêntica geena. O inferno verde! O espinafre do absurdo. Um diabo que está em toda a parte. Até dentro de nós.

Deceparamos a cabeça aos pretos. Trofeus de guerra.

Leio nos olhos de uma cabeça decepada. Leio a solidão do Homem. Leio e interpreto à minha maneira. O mundo parou aqui. Só os pássaros parecem estar presentes na alegria. Esta selva é repugnante. Há um cheiro a pólvora, a fogo, a peido de tropa, a sangue de preto, a dor, a morte, a sovaco, a catanga, a **ódio**, a mandioca, a